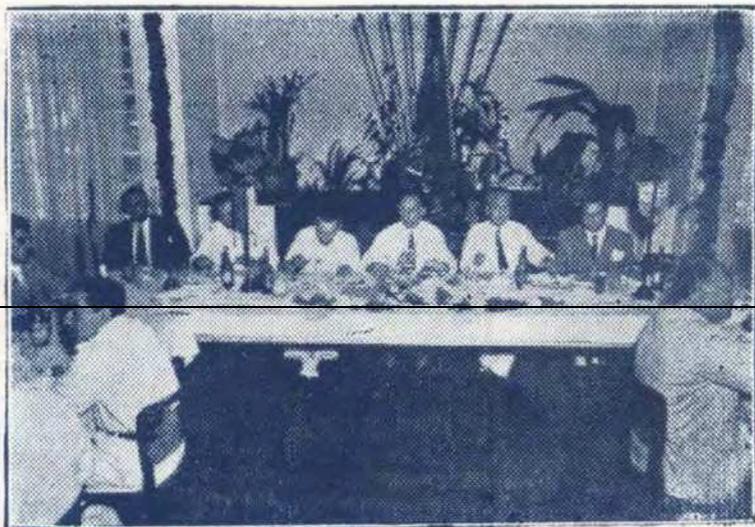


# BLUMENAU EM CADERNOS



TOMO XXI — No. 3

Março de 1980

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de:

Artur Fouquet - Blumenau  
Banco do Estado de São Paulo S. A. - Banespa  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Germer Industrial S. A. — Timbó  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda.- Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Relojoaria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
Sul Fabril S. A. - Malharia e Confecções - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXI

Março de 1980

nº 3

## SUMÁRIO

Página

SÍNTESE HISTÓRICA DA CHEGADA DOS SALESIANOS . . . . .	58
GUIDO WILMAR SASSI . . . . .	60
*HISTÓRICO SOBRE O ABASTECIMENTO DE ÁGUA . . . . .	61
A OBRA KOLPING . . . . .	64
ACONTECEU... FEVEREIRO DE 1980 . . . . .	66
DISCURSO PROFERIDO PELO PREFEITO RENATO VIANNA . .	69
CONFLITO INDUSTRIAL E POPULISMO EM BRUSQUE . . . . .	72
CONTISTAS DE BLUMENAU . . . . .	80
GUSTAVO KRIEGER . . . . .	83
A PARTICIPAÇÃO DO CLUBE FILATÉLICO DE BLUMENAU . . . .	86
JOÃO VIEIRA . . . . .	88

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 10,00 -- Atrasado Cr\$ 20,00

Assinaturas para o exterior Cr\$ 120,00 mais o porte Cr\$ 130,00 total Cr\$ 250,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

**CAPA** — Com a fotografia de uma das reuniões de Rotary Club das que se realizam semanalmente em Blumenau, homenageamos os rotarianos em geral, cumprimentando-os pela passagem dos 75 anos de fundação de Rotary Internacional, cujo acontecimento foi festivamente comemorado dia 22 de fevereiro último, em Blumenau com o lançamento de um carimbo postal, por iniciativa do R. C. Blumenau - Norte.

# Síntese histórica da chegada dos Salesianos a Santa Catarina

P. Victor Vicenzi

Durante a guerra mundial de 1914 — 1918, o bispo de Florianópolis, Dom Joaquim de Oliveira e o Cônsul da Itália, solicitaram ao Superior Geral, Pe. Paulo Albera, com sede em Turim, a vinda de Salesianos de Dom Bosco, para Santa Catarina, com o fim específico de atender as colônias italianas e também de outras nacionalidades.

Como a Itália estava em guerra o Império Austriaco, todo cidadão apto, mesmo religioso, estava convocado às armas. Por isso o Governo Italiano, com muita dificuldade, liberou os seguintes salesianos: Pe. Giuseppe Bosso, Pe. Giovanni Batista Rolando, Pe. Francesco Fazio e Pe. Giuseppe Pastorino, todos da classe de 1882.

Esses chegaram em São Paulo no mês de outubro de 1916. Feitas algumas modificações pelo Provincial, embarcaram em Santos para Santa Catarina, num navio costeiro, os seguintes, assim distribuídos: Para Ascurra, Pe. Ângelo Alberti, como superior, Pe. Giovanni B. Rolando e o Irmão Valentino Barbieri. Para Luís Alves, Pe. Atilio Cosci, Pe. Giuseppe Pastorino e o Irmão Carlos Moretti.

No dia 14 de dezembro daquele mesmo ano de 1916, chegaram a Itajaí. Daí, os três salesianos destinados para Luís Alves, seguiram diretamente para aquela localidade, onde foram recebidos pelo povo entre festas.

Os outros três, prosseguiram para Blumenau, pernitando no Convento Franciscano, muito bem recebidos, especialmente pelo Guardião, Frei Gudiano Marcelo Baumester. No dia seguinte seguiram de trem para Ascurra. Pelas 9 hs. chegaram ao seu destino receiosos de uma má acolhida, devido às informações que haviam recebido em Itajaí e Blumenau, de possíveis represálias.

A recepção, entretanto, pelo povo, foi solene e cordial. Ao espoucar dos foguetes, os filhos de Dom Bosco, ingressaram na nova Paróquia de Ascurra.

O início da missão salesiana em Santa Catarina, se deu propriamente com a novena do Natal. O canto litúrgico preparado com um grupo de jovens, acompanhado com o harmônio, não poderia entusiasmar e edificar melhor o povo de Ascurra. A festa de Natal, foi o ponto alto, o auge mais digno do início do trabalho salesiano em ter-

ras catarinenses. Assim, também, aconteceu em Luís Alves e mais tarde em Rio dos Cedros.

Uma extensa região se deparava, agora, ao trabalho dos novos apóstolos do Evangelho. Abrangia, além de Luís Alves, todo o Alto Vale do Itajaí, até às divisas com Lages e Curitibanos.

Os sacerdotes saíam em visita pastoral para todos os povoados, viajando a cavalo. Geralmente iam sozinhos e permaneciam um mês fora de casa para atender o povo de Deus.

Apesar das dificuldades de início e mesmo hostilizados em algum povoado, não esmoreceram. Aquidaban (Apiúna), Vargem Grande, Hamônia (Ibirama), Nova Bremenn (Presidente Getúlio), Matador (Bela Aliança), Rio do Sul, Laurentino, Rio do Oeste, Taió, Salete, Rio do Campo, Trombudo Central, Lontras, Pouso Redondo e muitos outros povoados, eram visitados normalmente, uma vez cada dois ou três meses.

De Rio do Sul para cima a viagem só podia ser realizada através de canoa, pelo Rio do Oeste, muitas vezes acompanhados pelos índios que, entre as árvores frondosas da margem, seguiam os viajantes.

A primeira missa em Taió, foi celebrada no ano de 1923, pelo Pe. João B. Rolando, na rústica casa de Giuseppe Bertoli, conforme ele próprio assegurava.

Em 1918, a Paróquia de Rio dos Cedros, que vinha sendo atendida pelos Redos, Padres Franciscanos, passa aos cuidados dos PP. Salesianos de Ascurra, assumindo a direção da mesma, o Pe. Ângelo Alberti, com residência em Ascurra.

Em 1922, foi criada a Paróquia de Rio do Oeste, que abrangia todo o Alto Vale do Itajaí, sendo nomeado com o seu primeiro vigário, o Pe. Giovanni B. Rolando.

Em 1926, foi criada a Paróquia de Rio do Sul, assumindo como seu primeiro vigário, o Pe. Paulo Hesse.

Daquelas duas Paróquias do Alto Vale do Itajaí — Rio do Sul e Rio Oeste — foram desmembradas e criadas outras novas, até ao momento em número de 16.

Os salesianos trabalham hoje, em Santa Catarina, em Colégios, Paróquias e Centros Juvenis, em Ascurra, Rio dos Cedros, Rio do Sul, Mssaranduba, Itajaí e Joinville. As Irmãs salesianas, em Rio do Sul e Campos Novos.

## GUIDO WILMAR SASSI

Por Enéas Athanázio

Guido Wilmar Sassi é um escritor que anda meio esquecido dentro das fronteiras de nosso Estado. Não obstante, é um dos poucos nomes das letras catarinenses de real destaque nacional e autor de uma obra significativa.

Nascido em Lages, viveu a infância em Campos Novos, participou do chamado "Grupo Sul" e reside hoje no Rio de Janeiro.

Estreou na literatura em 1953 com o livro de contos "Piá", muito bem recebido pela crítica e que — como acentuou Edgard Cavalheiro — "era a revelação de um ótimo contista, hábil no captar a poesia e o drama do cotidiano e transfundi-los em obra de arte".

Além desse livro, publicou "Amigo Velho", igualmente de contos, e que lhe valeu o Prêmio Arthur Azevedo, conferido pelo INL ao melhor livro do ano no gênero conto. Lançou depois o excelente romance "São Miguel", que agora surge em segunda edição (Antares/MEC — 1979), voltando ao gênero com "Geração do Deserto", romance que foi levado à tela, em 1971, sob o título de "A Guerra dos Pelados", numa alusão aos seguidores do "monge" José Maria de Agostinho, que costumavam raspar a cabeça. Fez uma incursão no gênero da ficção científica com o livro "Testemunha do Tempo".

Suas estórias ganharam as páginas de diversas antologias, a exemplo de "Maravilhas do Conto Moderno Brasileiro" (organizada por Edgard Cavalheiro), "Vinte Histórias Curtas", "Panorama do Conto Catarinense", "Assim Escrevem os Catarinenses", "Pinheirais e Marinhas", "Contistas Novos de Santa Catarina", "Antologia do Novo Conto Brasileiro", "A Cidade e as Ruas", "Imbondeiro Gigante" (publicada em Angola) e "Moderne Brasilianische Erzähler", da Alemanha Ocidental. Sem falar nas inúmeras publicações de seus trabalhos em jornais e revistas.

Classificado como regionalista dos "Gerais Catarinenses", Sassi iniciou nas letras brasileiras o "ciclo do pinheiro". Seu linguajar, embora explorando nuances locais, não é o fundamental de sua obra e não é sobre ele que incide sua preocupação primeira. Seria, — para usar as palavras de Lauro Junkes, — um regionalista mais de fundo que de forma, ao passo que o aspecto social e humano, econômico e geográfico, soblevam. O pinheiro, derrubado de maneira implacável e indiscriminada, e as conseqüências daí decorrentes, constituem-se em temas que se envolvem constantemente nas suas narrativas.

A árvore outrora tão abundante é presença quase indispensável nos seus contos.

A devastação das matas, a extinção da fauna, o desfigurar da paisagem, as serrarias devoradoras de homens e fabricantes de aleijões, tudo se reflete na sua obra de ficção. Nesse contexto, sua obra é amarga, refletindo o inconformismo de um escritor sensível aos maléficos passos do homem na trilha da destruição da natureza e dos seres que dela dependem.

Em "Amigo Velho", por exemplo, João Onofre sofre silencioso e vê a própria vida abreviada pelo corte de "seu" pinheiro, a árvore bendita que a ele e aos filhos alimentou nos momentos de penúria, quando a serraria já usurpara as forças dos seus melhores anos de existência. E a cruz que marcou seu túmulo miserável, por paradoxo do destino, provinha do lenho da própria árvore querida.

"Noite", outro de seus grandes contos, registra uma vingança do pinheiro. O personagem, preso no alto de seus galhos, sem meios de atingir o solo, une seus gritos inúteis aos da mulher grávida, irmanando-se na comunhão do desespero, enquanto a noite gélida caía sobre o ermo dos campos.

Escritor vigoroso, Guido Wilmar Sassi é um exemplo de ficcionista consciente e sincero, e a sua obra enriquece as nossas letras.

---

## "Histórico sobre o abastecimento de água de Lages e Blumenau

Reinoldo Althoff

(Conclusão)

5º — A critério do C.M.E.S., mediante proposta devidamente justificada do Diretor do SAMAE, poderão ser dispensadas as concorrências, fazendo-se a aquisição ou contratação por meio de coleta de preços;

a) quando se tratar de aquisição de material ou execução de serviços que por circunstâncias especiais ou imprevistas forem consideradas urgentes;

b) quando se tratar de materiais ou gêneros que só possam ser fornecidos por produtor, empresa ou representante comercial exclusivo;

c) quando não houver acudido nenhum proponente à solicitação anterior .

Art. 8º — O patrimônio inicial do SAMAE, será constituído de todos os bens móveis, imóveis e instalações, títulos, materiais e outros valores próprios do Município, atualmente destinados, empregados e utilizados nos sistemas públicos de água e esgotos sanitários, os quais lhe serão entregues sem qualquer ônus ou compensações pecuniárias.

Art. 9º — A receita do SAMAE provirá dos seguintes recursos:

a) do produto de quaisquer tributos e remunerações decorrentes diretamente dos serviços de água e esgoto, tais como: tarifas de água e esgoto, instalação, reparo, aferição, aluguel e conservação de hidrômetros, serviços referentes a ligações de água e esgoto, prolongamento de redes por conta de terceiros, multas, etc.;

b) de taxas de contribuição que incidirem sobre terrenos beneficiados com os serviços de água e esgotos;

c) da subvenção que lhe for anualmente consignada no orçamento da Prefeitura;

d) dos auxílios, subvenções e créditos especiais ou adicionais que lhe forem concedidos, inclusive para obras novas, pelos Governos Federal, Estadual e Municipal, ou por organismos de cooperação internacional;

e) do produto de juros sobre depósitos bancários e outras rendas patrimoniais;

f) do produto da venda de materiais inservíveis e da alienação de bens patrimoniais que se tornam desnecessários aos seus serviços;

g) do produto de cauções ou depósitos bancários que reverterem aos seus cofres por inadimplemento contratual;

h) de doações, legados ou outras rendas que, por sua natureza ou finalidade, lhe devam caber.

Parágrafo único — As tarifas serão fixadas sob proposta do Diretor e aprovação prévia do C.M.E.S., em termos de percentuais sobre o valor do salário mínimo da região, calculados de modo a assegurar, em conjunto com outras rendas, a auto-suficiência econômico-financeira do SAMAE.

Art. 11 — Serão obrigatórios, nos termos do art. 36 do Decreto Federal nr. 49.974/A, de 21.1.1961, os serviços de água e esgoto nos prédios considerados habitáveis, situados nos logradouros dotados das respectivas redes.

Art. 12 — Os proprietários de terrenos baldios, loteados ou não, situados em logradouros dotados de redes públicas de distribuição de água ou de esgotos sanitários, desprovidos das respectivas ligações, ficarão sujeitos ao pagamento de uma taxa de contribuição, na forma a ser fixada em regulamento.

Art. 13 — É vedado ao SAMAE conceder isenção ou redução de taxas e ou tarifas dos serviços de água ou esgotos, sob quaisquer formas ou qualquer título .

Art. 14 — O SAMAE terá quadro próprio de empregados, os quais ficarão sujeitos ao regime de emprego previsto na Consolidação das Leis do Trabalho.

Art. 15 — Aplicam-se ao SAMAE, naquilo que disser respeito aos seus bens, rendas e serviços, todas as prerrogativas, isenções, favores fiscais e demais vantagens que os serviços municipais gozem e que lhes caibam por lei.

Art. 16 — A Diretoria Executiva do SAMAE submeterá, anualmente à apreciação do Conselho Municipal de Engenharia Sanitária (C.M.E.S.), com cópia para o Prefeito Municipal, o relatório de suas atividades.

Art. 17 — A Prefeitura Municipal deverá correr com as despesas de instalação do SAMAE.

Parágrafo único — Fica o Prefeito Municipal autorizado a abrir crédito especial para atender ao disposto neste artigo.

Art. 18 — As ligações de água somente poderão ser requeridas pelo proprietário do imóvel, em cujo nome será extraída a conta e a quem cabe a responsabilidade da ligação.

Art. 19 — O serviço de água será cortado, sem qualquer aviso prévio ao usuário, desde que este deixe de pagar, dentro de 30 dias após a data do vencimento, a sua conta.

Art. 20 — A cobrança da dívida do SAMAE será feita por ação executiva, na forma do Decreto Federal nr. 960, de 17 de novembro de 1938, independentemente da faculdade de se cortar o fornecimento dos serviços de água.

Art. 21 — Nenhuma ligação para prestação dos serviços de água será feita sem que previamente o consumidor tenha instalado hidrômetro, devidamente aferido pelo SAMAE.

Art. 22 — O Prefeito Municipal expedirá os atos necessários à completa regulamentação da presente lei.

Parágrafo 1º — A regulamentação de que trata este artigo compreenderá o regulamento dos serviços de água e esgotos, o regulamento das tarifas e taxas de contribuição e o regimento interno do SAMAE.

Parágrafo 2º — fica estabelecido o prazo máximo de 60 dias, a contar da data da vigência desta lei, para a aprovação do regulamento dos serviços de água e esgotos.

Art. 23 — As atuais tarifas permanecerão até que se fixem os novos valores, pelo SAMAE, nos termos do art. 10 e seu parágrafo.

Art. 24 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, e, especialmente as leis que fixam os valores das taxas de água e que concedem isenções ou regalias. — Prefeitura Municipal de Blumenau, em 11 de agosto de 1966. — Carlos Curt Zadrozny — Prefeito Municipal”.

# A OBRA KOLPING

Arsenio José Schmitz

A Obra Kolping é uma entidade beneficente internacional que se preocupa com os problemas sociais. Foi fundada há 130 anos atrás, na Alemanha por Adolfo Kolping.

Kolping era filho de uma família duma cidadezinha do interior que teve que migrar para a cidade grande (Colônia) em busca de um meio de subsistência. Foi sapateiro 8 anos. Passou muito mal. Ficou doente. Viu e sentiu de perto a miséria moral, econômica, social que afligia os migrantes e assalariados. Era a época em que foi introduzida a máquina a vapor nas empresas (I revolução industrial). A máquina expulsou muitos operários das fábricas. Foi a época da explosão demográfica, do desemprego, da formação do proletariado, da marginalização de grande número de jovens e famílias.

Adolfo sofria com isto. Sua aspiração era tornar-se padre. Uma senhora dispôs-se a pagar-lhe os estudos. Aos 23 anos de idade, iniciou os estudos e com 32 anos ordenou-se padre. De volta à Colônia fundou em 1849 a associação que hoje tem o seu nome. 5 eram seus campos prediletos de ação que resumiam o ideal da sua obra e eram, ao mesmo tempo, os pilares sobre os quais se alicerçavam, no entender dele, a felicidade das pessoas, das famílias e da sociedade: religião, profissão, recreação, família e sociedade. A Obra dava uma resposta às necessidades e problemas da época. Em 21 anos (Kolping faleceu cedo aos 53 anos de idade, consumido pelo trabalho) fundou mais de 400 Comunidades Kolping.

Hoje a Obra Kolping espalhou-se por 19 países do mundo e conta com mais de 250.000 membros. Está na Europa, América do Norte e Canadá, mas também na América Latina, na África e na Índia. No Brasil já existe há mais de 50 anos, mas difundiu-se com mais vigor a partir de 1968 quando foi fundada a Federação das Comunidades Kolping com o nome de Obra Kolping do Brasil. Com o crescimento do número de Comunidades Kolping criaram-se diversas regionais sendo a primeira a de Rio do Sul em Santa Catarina.

A Obra Kolping no Brasil tem como ideal a promoção integral da pessoa humana. Dedicar-se a todos os problemas sociais dando ênfase à formação profissional e comunitária.

Inspira-se, no exemplo de Cristo que pregava, mas também curava os doentes; inspira-se no exemplo da igreja primitiva que criou

Os primeiros diáconos para atender aos problemas sociais; no procedimento da igreja através dos séculos (fundando ordens e congregações religiosas — creches, hospitais, colégios) em suas preocupações com os problemas sociais; nos documentos dos papas (Leão XIII, Pio XI, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II) dos documentos do Concílio, das conferências dos bispos (CELAM e CNBB) das Campanhas da Fraternidade.

A regional de Santa Catarina, com sede em Rio do Sul, conta atualmente com 15 comunidades Kolping, algumas em funcionamento e outras, em fase de implantação.

Desde 1977, são executados cursos de educação para o lar e de ensino profissionalizante. Para 1980 estão previstos mais de 40 cursos, entre eles: instalador de água, instalador elétrico, serralheiro, torneiro, enfermagem básica, balconista.

A Obra Kolping Regional de Rio do Sul tem personalidade jurídica própria, foi declarada de utilidade pública municipal (Rio do Sul) e estadual (Sta. Catarina) e está registrada no Ministério da Educação e Cultura (C.N.S.S.) mantém convênio com entidades públicas e particulares.

Uma das grandes preocupações da Obra Kolping se refere ao êxodo rural. Mais da metade dos jovens saem do meio rural para procurar, na cidade, um meio de subsistência. Quase todos vão sem nenhuma preparação, quer humana e social, quer profissional. A Obra Kolping mereceu a simpatia de grande parte da população da região, e espera que os órgãos governamentais do Estado e da União dêem apoio, a exemplo da Prefeitura Municipal de Rio do Sul, às suas iniciativas, seja auxiliando na construção de salas, seja na aquisição de equipamento ou material para o ensino profissional, seja no pagamento de monitores, seja na manutenção dos alunos (pensão), seja, enfim, na coordenação e supervisão dos cursos.

Há boas perspectivas para que a Obra Kolping se implante em outras regiões e cidades de Santa Catarina: Caçador e Fraiburgo, Blumenau e Joinville.

A Obra Kolping teve boa acolhida e apoio da imprensa falada e escrita. Através da sua atuação espera dar a sua contribuição para a superação dos graves problemas que afligem o povo Catarinense.

# ACONTECEU... --- Fevereiro de 1980

— DIA 1º DE FEVEREIRO — Foram colocados à venda os canecos destinados ao Festival do Chope marcado para os dias 19 e 20 de abril. Desse encargo ocupou-se o Serviço Municipal de Turismo.

— DIA 1º DE FEVEREIRO — Um grupo de 370 jovens da classe de 1961 prestou juramento à Bandeira às 9 horas no campo de esportes do Palmeiras E. C., cujos rapazes foram dispensados do serviço militar por excesso de contingente.

— DIA 1º DE FEVEREIRO — Foram encerradas as matrículas para os aprovados no teste de seleção, realizado pelo SENAI, tendo sido matriculados 206 menores para os sete cursos existentes.

— DIA 2 DE FEVEREIRO — Assistidos por numerosas pessoas, soldados do Corpo de Bombeiros de Blumenau fizeram brilhante demonstração de eficiência em salvamento a grandes alturas, servindo-se do Edifício Brasília, à Av. Mal. Castelo Branco, com descidas em cordas especiais do 11º andar daquele prédio.

— DIA 4 DE FEVEREIRO — O Prefeito Renato de Mello Vianna reassumiu suas funções, depois de estar ausente, em férias, durante trinta dias. O ato realizou-se às 9 horas, no gabinete do Prefeito.

— DIA 4 DE FEVEREIRO — Em comemoração à passagem do 1º centenário de emancipação política de Blumenau, realizou-se a solenidade de inauguração do marco que registra o fato, o qual situa-se em frente ao Mausoléu Dr. Blumenau. Na lápide, lê-se: "À secular maioria política do povo blumenauense" — 4.2.1980. Esta solenidade registrou-se às 10 horas da manhã.

— DIA 4 DE FEVEREIRO — Ainda como parte das comemorações do 1º centenário de emancipação política de Blumenau, foi inaugurada a exposição filatélica na Galeria Municipal de Artes constando ainda do lançamento de um selo comemorativo do centenário, sendo que às 12 horas o prefeito Renato Vianna ofereceu, no Tabajara Tênis Clube, um almoço às autoridades e convidados.

— DIA 4 DE FEVEREIRO — Encerrando os atos comemorativos do Centenário de Emancipação Política de Blumenau, realizou-se, sob concorridíssima presença do povo, o ato de inauguração, pelo Prefeito Renato Vianna, do novo Terminal Rodoviário, denominado "Prefeito Hercílio Deeke". A nova Rodoviária teve um custo de 62 milhões de cruzeiros, dos quais cinco milhões foram fornecidos pelo DNER. Possui dez empresas operando em 27 terminais, num movimento médio

de cerca de seis mil pessoas. Localiza-se à rua 2 de Setembro, entre a fábrica Coca-Cola e a fábrica de pás Staedele. Uma obra que marca sobremaneira a administração Renato de Mello Vianna.

— DIA 5 DE FEVEREIRO — O novo Terminal Rodoviário começa a funcionar, alterando bastante o movimento que até então existia no antigo terminal, à rua 7 de Setembro.

— DIA 7 DE FEVEREIRO — O ecólogo gaúcho José Lutzenberger proferiu importante conferência no Rotaract Club de Blumenau, com uma assistência bastante numerosa.

— DIA 7 DE FEVEREIRO — Entrou em funcionamento, na torre da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, de Copacabana Norte, o primeiro carrilhão eletrônico de Santa Catarina e cuja inauguração oficial dar-se-á no dia 12 de abril.

— DIA 7 DE FEVEREIRO — Com a presença de autoridades, inclusive do prefeito Renato Vianna, foi inaugurada a sede do Kennel Clube de Santa Catarina, a qual localiza-se nos fundos da PROEB.

— DIA 9 DE FEVEREIRO — Foi realizada uma solenidade no Mausoléu Dr. Blumenau, que marcou a entrega de prêmios, e troféus aos clubes e comandantes classificados por ocasião da realização do desfile de sociedades de atiradores, realizado no dia 21 de outubro de 1979. O ato foi presidido pelo Prefeito Renato Vianna e contou com a presença de numerosos associados das diversas sociedades contempladas.

— DIA 12 DE FEVEREIRO — A imprensa local noticia que o primeiro túnel de aço do Estado está sendo instalado no bairro da Fortaleza, numa passagem de tráfego da rodovia Blumenau-Navegantes e que fica situado na rua Samuel Morse. O custo estimado da obra, é que 4 milhões de cruzeiros, divididos entre o DER e o DNER.

— DIA 14 DE FEVEREIRO — O Prefeito Renato Vianna determinou às secretarias especializadas, providências para a desapropriação de um terreno situado nos fundos do Aterro Sanitário, para ali ser iniciada a construção de um monumental Estádio Municipal de Esportes, com vistas especialmente ao futebol.

— DIA 14 DE FEVEREIRO — Realizou-se, na sede do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem, a solenidade de posse da nova Diretoria recém-eleita.

— DIA 21 DE FEVEREIRO — O Centro de Saúde de Blumenau reiniciou o trabalho de vacinação contra a paralisia infantil (pólio).

— DIA 22 DE FEVEREIRO — Na Sociedade Dramático Musical Carlos Gomes, realizou-se a solenidade do lançamento do carimbo comemorativo pela passagem dos 75 anos de fundação do Rotary Club Internacional, promoção feita pelo Rotary Club Blumenau Norte. A solenidade aconteceu às 11 horas.

— DIA 22 DE FEVEREIRO — Foi lançada concorrência pública para a construção do Centro Social de Itoupava Norte, projetado em modernas linhas arquitetônicas.

— DIA 25 DE FEVEREIRO — Realizou-se no Auditório do Teatro Carlos Gomes uma importante reunião promovida pelo Serviço de Turismo de Blumenau, com a participação de elementos ligados à divulgação cultural, às artes e à imprensa, quando ficou estabelecido que nova reunião será realizada com o objetivo de criar o Conselho Municipal de Cultura.

— DIA 25 DE FEVEREIRO — Um princípio de incêndio foi registrado, às 7 horas da manhã, no forro do prédio da Biblioteca “Dr. Fritz Müller” tendo sido imediatamente atacado por um guarda municipal e um particular. Não houve chamas e, portanto, não foi preciso o uso de água. Os bombeiros chegaram com rapidez ao local.

— DIA 26 DE FEVEREIRO — Notícias veiculadas na imprensa local, informam que as sindicâncias efetuadas pelo INPS em Santa Catarina, apuraram fraudes cujo montante atingem a 5,4 milhões de cruzeiros, especialmente em São Miguel do Oeste, Tubarão e Chapecó, em cujos municípios o montante é de maior percentual.

— DIA 27 DE FEVEREIRO — A imprensa divulgou o resultado da enquete realizada para saber da população blumenauense se prefere o SAMAE, que mantém o serviço de distribuição de água à população, ou a CASAN, empresa estatal do Estado. A enquete apresentou um resultado de 87% a favor do SAMAE, entre as 50 mil pessoas consultadas. A enquete vai continuar, pretendendo os seus organizadores atingir a 100 mil pessoas .

DIA 28 DE FEVEREIRO — Segundo divulga a imprensa local, a oficina mecânica denominada Retífica de Motores Corrêa, concluiu a retificação do primeiro motor Wolkswagen 1300, de uso de gasolina para o uso de álcool. Depois de oficialmente reconhecida, a citada Retífica estará autorizada a proceder outras retificações para carros oficiais, táxis e, finalmente, carros particulares.

## DISCURSO PROFERIDO PELO PREFEITO RENATO VIANNA, POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DA RODOVIÁRIA, EM 4/2/80

“Eis afinal a obra. O novo Terminal Rodoviário de Passageiros de Blumenau — Prefeito Hercílio Deeke. Eis uma obra que representa a grandeza de um povo. Eis a marca de uma administração voltada inteiramente para os interesses reais da comunidade blumenauense.

Se mais nenhuma obra tivesse realizado, durante os três anos de nossa administração, esta seria sem dúvida suficiente para justificar a nossa trajetória pelo Executivo.

Não pelo seu custo ou pela sua resistência, mas pela sua repercussão no sistema viário, no campo dos transportes, definindo uma obra sonhada por tantos outros administradores que nos antecederam.

Mais ainda porque é uma obra realizada para o povo. Destinada à todas as camadas sociais, mas principalmente àqueles que não dispendo de condução ou recursos suficientes pra adquirir um veículo, se sentem na contingência de fazer da Estação Rodoviária um lugar frequente de embarque e desembarque, intermediário entre o seu lar e o trabalho ou necessário nos passeios.

Localizada na orla do Anel Viário Norte, à Rua 2 de Setembro, no bairro Itoupava-Norte, numa área aproximada de 80.000 m<sup>2</sup>, expropriada de cerca de 22 proprietários, ela se constitui hoje no maior Terminal urbano de passageiros do Estado de Santa Catarina, contendo 6.891 m<sup>2</sup>, e dispendo de excelente vão livre para maior movimentação de seus usuários.

O projeto elaborado por arquitetos da nossa Assessoria de Planejamento, Drs. Sérgio Mantovani e Sônia Fumagalli, procurou, cumprindo as exigências do órgão competente do D.N.E.R., expressar nas linhas do concreto aparente a funcionalidade das construções modernas.

Prestando observância à topografia, sistema viário, fluxo de veículos, volume de passageiros, desenvolvimento urbano, segurança e rapidez de movimentos, o Terminal de Passageiros Hercílio Deeke, foi deslocado do miolo urbano, da malha viária central, para a periferia da cidade, possibilitando fácil acesso com as BRs ou Rodovias Federais, principalmente os ônibus intermunicipais e interestaduais que se veem obrigados a médio ou longo percurso.

Convém, todavia, assinalar que a obra não se acha completa no seu projeto global. Tanto que os acessos são provisórios e somente

com a construção da ponte sobre o Rio Itajaí-Açu, ligando o terminal à Rua Xavantina e Rua São Paulo é que se completará. Mas acreditamos que o povo blumenauense, que não nos tem faltado com seu apoio, saberá relevar e suportar as primeiras dificuldades e porque não dizer os pequenos desacertos desta fase inicial.

A execução do projeto custou até agora Cr\$ 62.000.000,00 (sessenta e dois milhões de cruzeiros), sendo Cr\$ 5.000.000,00 já obtidos através convênio de colaboração para a construção do prédio do D.N.E.R. e os restantes Cr\$ 57.000.000,00 destinados ao pagamento do prédio, das desapropriações, da canalização, estaqueamento e acessos, com recursos próprios do Município, através de impostos, portanto com dinheiro do próprio povo.

A obra foi construída pelo Município, através da Companhia de Urbanização de Blumenau, empresa de economia mista constituída de capital majoritário da Prefeitura (99%).

Sentimos a obra brotar do chão, vistoriando os trabalhos de retificação e canalização do córrego aqui existente e o aterro necessário, realizados pela firma Hayashi, para início dos trabalhos, de alvenaria, a cargo da Construtora Rio Branco, empresa Blumenauense, na época dirigida pelo saudoso Otto Kienen. Construtora que venceu a concorrência pública e cumpriu integralmente os cronogramas físicos e financeiros, entregando a obra completamente concluída antes da data aprazada e sujeitando-a pela boa qualidade técnica à inspeção não só da fiscalização pública mas de todos os bons conhecedores desse ramo da engenharia civil.

As estacas foram fincadas pela Batestal, os equipamentos eletrônicos foram executados pela CIAER, os equipamentos de telefonia e P.A.B.X. pela Inteca Telecomunicações Ltda.; o sistema eletrônico de relógios pela Rod Bel S/A, o mobiliário pela Mendes Moeller e Cia. Ltda., a firma GARBE executou o projeto das paredes divisórias, NM forneceu e realizou os serviços de vidro e a empresa SINODA, o asfaltamento do pátio frontal da Estação, fornecimento da brita, sua compactação e imprimação.

As dez empresas que irão operar no Terminal, movimentando seus ônibus nas 27 plataformas de embarque e desembarque de cerca de 6.500 passageiros diariamente, através de 434 partidas de ônibus intermunicipais e interestaduais, nossos agradecimentos pelo elevado espírito de compreensão.

Além dos servidores que integraram a comissão pró-construção do Terminal, João Carlos Von Hohendorff, Dalirio Beber, Dalto dos Reis, Bernadete Doebelli, Paulo Oscar Baier, João Manoel de Borba

Neto, gostaríamos de ressaltar o produtivo trabalho desenvolvido por Oscar Silva — Diretor do Seterb — Serviço Autônomo Municipal de Terminal Rodoviário, criado pela Lei nº 2.337, de 27.3.79, e destacar a presença permanente do Dr. Mauro Mello — Diretor do D.S.U. e responsável pelo ajardinamento e na pessoa do Supervisor dos Fiscais de Obras — Osnilo Silva o nosso reconhecimento pelo trabalho dos nossos dedicados servidores municipais.

Ramiro Ruediger, nosso Vice-Prefeito, coube sem dúvida o maior mérito desta inauguração. Pelo seu trabalho diuturno, pela sua dedicação, pelo seu empenho e acima de tudo porque, como nós, acreditou tenazmente na conclusão da obra.

A vitória que hoje festejamos nós a obtivemos procurando cumprir os desejos do povo e vindo sempre até ele, para dizer-lhe claramente o nosso pensamento.

Deixamos aos demagogos a tarefa de conquistar multidões efêmeras, que se juntam e se dispersam ao sabor de uma exitação momentânea. As palavras desacompanhadas de ação nada significam. O que temos procurado sempre é o apoio do verdadeiro povo; do povo que tem uma só alma e uma só aspiração; do povo que semeia e por isso distingue o joio do trigo, do povo que só compreende a linguagem límpida do coração; do povo que tem se revelado capaz de renúncias generosas, em benefício de novas conquistas urbanas.

Do povo que amou Hercílio Deeke e que através do Executivo Blumenauense lhe presta a mais sincera homenagem, gravando definitivamente seu nome nesta obra, como preito de gratidão e reconhecimento pelo seu incansável trabalho por esta cidade que tanto serviu no exercício de inúmeros cargos eletivos e públicos.

Risco da minha intenção de governo, submetida ao povo durante a campanha política, uma das mais arrojadas obras, sem contudo arrefecer o ânimo para a luta que continua nos doze meses finais do nosso mandato, sem perder a consciência do dever e sem abandonar o método de administrar de portas abertas.

Decorridos cem (100) anos da nossa emancipação política, nada mais justo do que presentear a todos os blumenauenses com uma obra digna do alto significado histórico do evento hoje comemorado.

Muito Obrigado”.

# Conflito industrial e populismo em Brusque

## A greve operária de 1952

Afonso Imhof

“... a mim me interessa o povo, há três séculos capado e recapado, sangrado e ressangrado...”

Capistrano de Abreu

A história do Brasil tem sido, salvo raríssimas exceções, a história do poder ou das elites dirigentes. Tem sido apresentado e analisado sob o ponto de vista das classes dominantes e suas determinantes ideológicas. Raríssimos historiadores têm assumido corajosamente uma tomada de posição em favor das classes dominadas, oprimidas — os assalariados, os operários rurais e urbanos, os indígenas, são exemplos dessas omissões (1). A problemática operária desde o início da industrialização até o presente, não constitui atrativo para teses dos historiadores e por demais, tem sido omitida essa tomada de posição. Nossos historiadores parecem desconhecer o mundo social operário desde a Proclamação da República até os dias atuais (2). Quase sempre o fenômeno histórico é visto isoladamente do contexto

\* Projeto de pesquisa a ser desenvolvido em Brusque, SC.

1. As sociedades indígenas são lembradas nos textos didáticos apenas pretéritamente. Assim é comum o tempo pretérito: o índio ANDAVA quase sempre nu, COMIA raízes e frutas, CACAÇA, etc. Ora, ele existe, hoje, presente. As sociedades indígenas enfrentam a nossa massacrante expansão capitalista, expropriando-lhes suas terras, forçando-as à integração ou extinção.

2. O movimento operário é estudado no Brasil pelos sociólogos da Universidade de São Paulo. Os atritos do operariado com o empresariado é visto como CONFLITO INDUSTRIAL e não LUTA DE CLASSES, porquanto o último conceito implica num antagonismo que extrapola o plano da indústria ou das indústrias questionadas pela greve, para assumir um nível político-ideológico no plano da sociedade global. LENINE desfaz a dúvida quanto à questão do conceito de luta de classe poder ser atribuído ao confronto que se produz entre os operários de uma fábrica ou profissão e seus patrões. “Não, não são mais que seus débeis começos. A luta dos operários se converte em luta de classe só quando os representantes avançados da classe operária de um país adquirem consciência de que formam uma classe única e empreendem a luta não contra patrões isolados, mas contra toda a classe capitalista e contra o governo que apóia a essa classe. Só quando cada operário se considera membro de toda classe operária, quando vê em sua pequena luta quotidiana contra um patrão ou funcionário uma luta contra toda a burguesia e contra todo o governo só então sua luta se transforma em luta de classe.” citado por HARNECKER (1973:192).

capitalista. Os conflitos sociais geralmente são vistos sob a ótica funcionalista, científica ou unicamente sob o "método histórico burguês". A historiografia brasileira está dominada pela ideologia da burguesia industrial que determina um ensino de história de cunho eminentemente "nacionalista" com o propósito de legitimar o STATUS QUO reinante. Na verdade, aprendemos ou ensinamos aquilo que não compromete o "STATUS QUO" da classe dominante. O historiador é assim um ideólogo do Estado burguês, um advogado da história oficial. Pelo fato de enquadramento ideológico dos nossos historiadores, isto é, a de consolidar cada vez mais regimes e governos defensores das classes dominantes que tem o Estado como seu instrumento de dominação, a historiografia é que "oficial" e aqueles que assumirem posição favorável à uma revisão historiográfica, não serão considerados cientistas e, ainda, suas teses não serão ensinadas ou recomendadas.

A causa operária é a maior das omissões dos nossos historiadores. Ensina-se história do Brasil preconceituosamente, marginaliza-se bibliograficamente estudos sociológicos e antropológicos da problemática operária, isto é, da problemática da classe dominada, sofredora, explorada e reprimida, pelo menos durante toda a República.

Para a grande maioria dos historiadores da economia brasileira, o crescimento capitalista da indústria nacional parece ser unicamente oriunda da exportação de produtos e do consumo interno (3). A apropriação da mais-valia, fator determinante da exploração do proletariado e que conduz à acumulação de capital em favor da classe dominante, não é relevada, lembrada ou dialetizada. A explicação se enquadra cientificamente dentro das análises funcionalistas, muito apropriadas para a manutenção do "STATUS QUO" das classes dominantes. Os recursos que o materialismo histórico oferece para explicar e interpretar dialeticamente esse crescimento capitalista são desprezados em face da "neutralidade ética", da abstenção dos cientistas — diante das desigualdades sociais passadas e contemporâneas. O progresso, isto é, o progresso das classes dominantes, não é questionado. Um desses recursos é fundamental para a nossa pesquisa — a exploração da força de trabalho operário como geradora da MAIS-VALIA, isto é, de lucros para o capitalista (4) "O conceito MAIS-VALIA

---

3. Não é o caso por exemplo da excelente análise estrutural — classista dada por IANNI, Octávio em *Estado e Capitalismo: Estrutura Social e Industrialização no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.

4. Ver o apêndice a mais-valia em HARNECKER, Marta. *Os Conceitos Elementais do Materialismo Histórico*, p. 231-245. "Chama-se a mais-valia ao valor que o operário cria além do valor de sua força de trabalho". HARNECKER (idem, p. 245).

é o conceito-chave para explicar a exploração capitalista, é a MAIS-VALIA a fonte do lucro do capitalismo (5).

Propomos neste nosso projeto de pesquisa, a formulação de uma história vista sob o ponto de vista da classe dominada — a operária, procurando explicar a oposição: compradores da força do trabalho (proprietários dos meios de produção, isto é, os patrões capitalistas) e a classe vendedora da força de trabalho (os operários, a classe operária, integrantes do proletariado). Esta oposição quando resulta atritos (greve pacífica ou violenta) pode ser entendida como conflito industrial (6).

### A DEFINIÇÃO DA PROBLEMÁTICA

Brusque, juntamente com Blumenau, forma o maior parque têxtil de Santa Catarina. A indústria de Brusque é menos diversificada que a de Blumenau. SINGER (1974:135) indica que do valor da produção industrial de Brusque, em 1958 de Cr\$ 830.600,00 nada menos que Cr\$ 759.900,00, ou seja, 92% são devidos à indústria têxtil.

MAMIGONIAN (1960:380) valendo-se dos recenseamentos de 1940 e 1950 mostra o aumento da população urbana em substituição à rural: entre 1940/1950 a população era de 23.428 habitantes, sendo a taxa urbana de 25,48% e para a zona rural 74,52%. Em 1950 a população apurada foi de 32.351 habitantes com a taxa de 65,96% para a zona rural e 34,05% para a zona urbana.

BÜCHELE (1960:362) no Quadro I, mostra o aumento da passagem da população ocupada em atividades primárias para a secundária e terciária, durante o período 1940/1950.

População Economicamente Ativa de Brusque — Quadro I

População	1940	1950	Incremento absoluto	Incremento percentual
Primária	5164	5169	— 5	0,09%
Secundária	2534	4310	+ 1786	70,8%
Terciária	736	1721	+ 985	32,8%
Ativa Total	23428	32351	+ 8923	38,1%

5. Idem, p. 245.

6. Vide os trabalhos: RODRIGUES, Leôncio Martins, *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*. S.P. Difel, 1966 WEFFORT, F. C. *Participação e conflito Industrial: Contagem e Osasco*. 1968 S.P. Cadernos CEBRAP nº 5, 1972. FAUSTO, Boris, *Trabalho Urbano e Conflito Social*. 1890/1920 S.P. Difel, 1976. FAUSTO, Boris. *Conflito Social na República Oligárquica: A Greve de 1917*. In: *Estudos CEBRAP*, nº 10, out/nov/dez. 1974, São Paulo, ed. Brasileira de Ciências, p. 80-109.

Toda essa mudança operou-se em face do aumento industrial têxtil localizado na zona urbana e nos bairros de Brusque (7).

O conflito industrial que pretendemos investigar relaciona-se à greve operária ocorrida em 1952. Ela eclodiu a 19 de dezembro desse ano e terminou a 26 de janeiro de 1953. Em duração é uma das mais longas do País e, talvez a mais longa do Estado de Santa Catarina. Estavam envolvidos nela pelo menos 4.000 trabalhadores têxteis.

Os operários brusquenses mesmo durante o governo do Presidente Dutra (8), obtiveram êxito em duas greves reivindicatórias, a de 1948, geral, ocorrida contra a Cia. Industrial Schlösser, vitoriosa com 30% de aumento e, em 1949, também geral, abrangendo entretanto, todas as indústrias têxteis, lograram igualmente 30%.

Mesmo as limitações impostas pela legislação vigente, os operários conseguiram realizar a parede e resistir durante esses 37 dias em 1952 a 1953.

A greve em si pode ser denominada de defensiva pois sua inspiração residia na pressão feita aos patrões para ser cumprida uma determinação da Delegacia Regional do Trabalho, sediada em Florianópolis. No mês de janeiro de 1952, dia 20, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Fiação e Tecelagem de Brusque promo-

---

7. Vide o trabalho de: SEYFERTH, Giralda. *A Colonização Alemã no Vale do Itajaí-Mirim: Um Estudo de Desenvolvimento Econômico*. Principalmente a parte referente à mudança estrutural engendrada pela consequência da industrialização, p. 136-150. Não decorreu entretanto, uma urbanização nos moldes das diversas cidades latino-americanas, onde o proletariado é originário do meio rural e forma na cidade as favelas, os bairros, os cortiços, não aguçam os sindicatos, acomodam-se diante da exploração patronal e da repressão à consciência de classe. Algumas fábricas foram implantadas próximas às populações rurais, por exemplo: Limoeiro, Bateas, Santa Luzia, Pomerânea e Rio Branco .

8. SINGER (1965:87-8) O Governo Dutra (1846-1951) foi o governo de nossa burguesia industrial. Isto se pode notar por dois aspectos da política operária e da política cambial: (...) a política operária do Governo Dutra foi toda ela dirigida no sentido de elevar a taxa de exploração; isto é, de aumentar no máximo a parte do produto social que vai parar nos bolsos da burguesia e reduzir, portanto ao mínimo a parte que cabe à classe operária. Os sindicatos passaram a ser lugares perigosos para trabalhadores com consciência de classe. O direito de greve na prática, foi abolido. Os salários ficaram congelados, em sua maioria (principalmente o salário mínimo), enquanto o custo de vida no Rio subia, entre 1946 e 1951, de 62%. Deste modo se reduziram os salários reais, efetuando-se uma redistribuição altamente regressiva da renda. O resultado da elevação da taxa de exploração foi o crescimento da taxa de lucro, reforçando o processo de acumulação de capital. MOISES (1975:25) salienta o aspecto antioperário desse Presidente: "o governo Dutra resultará de ser completamente adverso à classe operária pois além do congelamento salarial, o governo iniciará uma política de repressão ao movimento operário denunciando o que chamou a infiltração de "extremistas nos sindicatos oficiais".

veu uma Assembléia Geral Extraordinária para tratar sobre um dissídio coletivo pretendido pelos operários (9) Compareceram 225 associados do sindicato, quando na época haviam 1594 associados, o que dá em termos participatórios 14,11%. A votação a favor do dissídio foi unânime. O índice de aumento estipulado para o dissídio coletivo era na ordem de 60%. Processado e julgado de acordo com as normas processuais aplicáveis, o Tribunal Regional de Trabalho da 4ª Região decidiu conceder aos reclamantes o aumento de 7,1% sobre o salário de 1949 (10), aumentado a 25 de maio em 30%. A decisão da justiça do Trabalho não foi acatada pelos empregadores. O aumento deveria ser pago a partir de julho de 1952, entretanto, até 19 de dezembro os operários não haviam percebido o aumento conquistado. A eclosão da greve tem nessa negativa patronal, o seu pivô.

### APONTAMENTOS HISTÓRICOS, TEÓRICOS E HIPÓTESES DE TRABALHO RELATIVAS AO PROJETO

A greve operária de Brusque não poderá ser explicada apenas nesse contexto legal, ou seja, a defesa da concessão dos 7,1%. Ela está enquadrada num amplo campo político do Presidente Getúlio Vargas e da vida sindical surgida no período populista. Com esse Presidente, SINGER (1965:92) explica que "a vida sindical ressurgiu e reivindicações abafadas por longos anos de intervenção, voltaram à tona". E ainda SINGER (1965:94) lembra que João Goulart, por sua vez, deu uma completa reviravolta na política trabalhista do Governo. As novas direções sindicais até aquele momento hostilizadas e reprimidas pelo Governo, passaram a contar com apreciável apoio do Ministério do Trabalho para suas reivindicações.

Numa abordagem da repartição de renda no Brasil, SINGER (1973:83-4) afirma que nos anos 50, o movimento operário brasileiro obteve seus maiores êxitos: conquistou o direito da greve (11) e um determinado grau de autonomia sindical, fazendo sentir nas negociações coletivas o peso de sua organização.

IANNI, (1975:99-100) baseado no trabalho de Jover Telles O

---

9. Livro de Atas n. 1, p. 89 verso e 90 anverso.

10. "O Rebate" de 21 de mar. de 1953, p. 1 e "O Estado" de 10 de jan. de 1953, p. 8. Vide também a nota do Sindicato das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Brusque publicada em "O Estado" de 14 de jan. de 1953, p. 1, e também "Diário da Tarde" de 14 de jan. de 1953, p. 6.

11. O decreto-lei 9070 de 15.03.1946 tratava sobre a suspensão ou abandono coletivo do trabalho (greve) e regulava os dissídios coletivos. Vide: TEIXEIRA (1968:531-583).

Movimento Sindical no Brasil, apresenta a estatística das greves ocorridas no Brasil nos anos de 1951 e 1952 e seus motivos.

### Greves no Brasil — Quadro II

Ano	nº de greves	nº de grevistas	nº de empresas atingidas
1951	173	363.999	548
1952	264	410.890	922

### Motivos das Greves Operárias de 1952 — Quadro III

Motivos	nº de greves	%
Aumento de salário	96	36,3%
Pagamento de salários atrasados	38	14,4%
Solidariedades	27	10,2%
Melhoria de condições de trabalho	13	4,9%
Pagamento abono de Natal	9	3,4%
Advertência	7	2,6%
Contra carestia	7	2,6%
Contra limites governamentais estabelecidos no Salário Mínimo	3	1,1%
Diversas greves (falta de dados)	64	24,2%
<b>TOTAL</b>	<b>264</b>	

Como podemos depreender estamos diante de um período onde houve intensa participação da classe operária na gestão das reivindicações de melhoria de salários. O período histórico de 1945/64 é denominado de populista e seu colapso aconteceu com o movimento militar de 64 (12).

Desejamos detectar em Brusque reflexos dessa política de mas-

12. Uma visão do populismo latino-americano e brasileiro, é dada por IANNI, Octávio em *A Formação do Estado Populista na América Latina*. Civilização Brasileira, 1975; *O Colapso do Populismo no Brasil*. Civilização Brasileira, 1975, 3ª. edição; WEFFORT, Francisco. Política de Massas em IANNI, Octávio (org.), *Política e Revolução Social no Brasil*, Civilização Brasileira, 1965; WEFFORT, Francisco. Estado e Massas no Brasil. In: *Revista Civilização Brasileira*, nº 7, maio, 1966, p. 137-158; WEFFORT, Francisco. Raízes Sociais do Populismo em São Paulo. In: *Revista Civilização Brasileira*, n. 2, maio, 1965, p. 39-70; IANNI, Octávio Democracia e Populismo, n: *Revista Civilização Brasileira*, n. 2, maio, p. 5-13. Para conceituação, vide: WORSLEY, Peter. O Conceito do Populismo. In: TABAK, Fanny (org.) *Ideologias — Populismo*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973, p. 23-67. O artigo de IANNI, Octávio Populismo e Classes Subalternas. In: *Debate & Crítica*, n. 1, Jul/dez. São Paulo, HUCITEC, 1973, p. 7-17, está em *A Formação do Estado Populista na América Latina*, op. cit. com o título *Classes Subalternas e Hegemônicas*, p. 136-148.

sa — procurando saber se a liberalização sindical veio contribuir para criar uma consciência de classe em Brusque e, assim inspirar a greve de 1952. Como em período anterior (Governo Dutra) eclodiram duas greves e ambas resultaram em 30% de aumento, é bem provável que houvesse uma consciência de classe desses anos, incutida por líderes operários. Essas vitórias anteriores possivelmente devem ter refletido para a classe declarar a parede de 52. Essas duas questões — a liberalização sindical no Brasil e as greves brusquenses de 48 e 49 — deverão por nós merecer um acurado exame durante toda a pesquisa. Desejamos simultaneamente avaliar o potencial politizatório do populismo em relação à classe operária principalmente para a eclosão da greve.

Em 1950 realizaram-se eleições municipais, estaduais e federais. Em Brusque o Partido Trabalhista Brasileiro — P.T.B. —, um dos partidos fundados por Getúlio, vence as eleições para Prefeitura e Câmara Municipal.

O pleito, após estudos feitos, poderá revelar uma união operária em torno dos representantes do P.T.B., porquanto esse partido tinha uma estratégia eleitoral populista. Esse partido encarnava os anseios operários e obtinha expressiva votação. Vários de seus líderes passaram para a União Democrática Nacional — U.D.N. —, de feições reacionárias e antioperárias, fazendo com que o P.T.B., após esse pleito, caísse em representação na Câmara Municipal, e passou a realizar coligações com o P.S.D.. Perdeu o P.T.B. grande parte do apoio operário em 1955 quando este apoiou um empresário, bastante popular, filho de outro patrão e que se colocou intransigentemente contra os operários, durante e após a greve de 52. Surge também neste período um outro empresário com características populistas,, líder e presidente da U.D.N., por diversas vezes eleito vereador.

Nesse contexto eleitoral buscaremos detectar a estratégia patronal que diminuiu as forças petebistas e, conseqüentemente enfraqueceu a classe operária.

Em 1952, há poucos dias antes da eclosão da greve, ocorre uma mudança na Diretoria do Sindicato. A cúpula da nova diretoria tem simpatia pela U.D.N. e, posteriormente, são integrantes desse partido político. De 1952 a 1966, pelo menos com exceção de um, os presidentes não estavam sintonizados com a política trabalhista do P.T.B.. Quando nesse último ano é eleito um participante da greve de 1952 ex-integrante do P.T.B. e, posteriormente do M.D.B., surge uma estratégia patronal anulando as eleições sindicais e os associados em represália, em segundo pleito, votaram maciçamente no mesmo candidato, assumindo então a presidência sindical.

Pelo exposto deduz-se que ouve um declínio da força operária.

Desejamos estudar esse declínio, suas causas e seus reflexos no enfraquecimento das reivindicações sindicais.

Supomos haver no seio da classe operária uma oposição aos padrões, transmitida dos operários mais antigos aos mais novos. Essa hipotética oposição classista, acreditamos, poder demonstrarmos empiricamente através de questionários dirigidos a um certo número de operários antigos e novos. Desejamos descobrir a origem dessa oposição, por exemplo se ela nasceu das greves, ou foi alimentada pelo populismo petebista, a burguesia industrial dominava dois partidos — o P.S.D. (13) por dois grandes grupos industriais (Renaux e Büettner) e a U.D.N. outro complexo industrial (Schlösser). Um integrante, do complexo industrial Renaux, estava entretanto ligado à U.D.N. Os operários raras vezes manifestavam livremente sua simpatia partidária, às vezes por interesse de empregar outros membros de sua família nessas indústrias, enfim, outras razões possíveis de detectar. Entretanto nos pleitos havia uma dosagem de apoio aos candidatos do P.T.B. se bem que, inferiores aos dois outros partidos. Em 1960, o P.T.B. apelando para a massa operária obtém expressiva margem de votos, vencendo inclusive o P.S.D. perdendo unicamente para a coligação U.D.N. — P.R.P.. A campanha unicamente...

(Conclui no próximo número)

---

13. O P.S.D. foi fundado por Getúlio Vargas para cooptar as forças oligárquicas rurais e ao P.T.B. era destinado recrutar e manipular as massas urbanas, emergentes na industrialização. A U.D.N. era um partido liberal-burguês com penetração na burguesia industrial e na classe média. O P.S.D. era conservador por excelência, coligava-se com o P.T.B., que era reformista e populista urbana, às vezes esquerdistas. Não se antagonizavam porquanto suas forças eleitorais eram distintas — campo e cidade.

# Contistas de Blumenau

Por Lauro Junkes

(Publicado na página 31 do J.S.C., de 27/28 de janeiro de 1980)

Decididamente, 1979, foi um ano de antologias para a literatura em Santa Catarina. E o ano encerrou com o lançamento de uma antologia muito representativa, não só pelo que é em si mesma, mas pelo que promete como iniciadora de todo um processo. "Contistas de Blumenau" marca o início de um sistema de coedições entre a Editora Lunardelli e a Fundação Casa Dr. Blumenau. Onze autores representam aqui o conto de Blumenau. Tudo indica que o processo terá continuidade, isto é, novos valores terão oportunidade de revelar-se através de mais outras futuras coedições das entidades que a partir de agora se consorciam.

A essa altura já podemos afirmar que o autor catarinense não mais se encontra órfão e desamparado. Se a barreira descomunal que se erguia em sua frente até há bem pouco tempo era constituída pela quase impossibilidade de encontrar editor para seus escritos, hoje o apelo editorial já atingiu níveis de sensível destaque. Quem quer e sabe escrever não corre mais o risco de ver seus originais mofando engavetados. Até pelo contrário, edita-se mesmo matéria cujo conteúdo e forma nem atingiram o nível do razoável para merecê-lo.

Isso evidencia a abertura que está havendo para a matéria literária, a valorização de que está sendo objeto o escritor catarinense, o esforço que vem sendo empreendido no sentido de criar uma mentalidade positiva de apreciação dos nossos valores. Nosso complexo de inferioridade, nossa consciência de sermos algo de indefinido que se perde espremido entre Estados mais potentes e expressivos devem ceder lugar à criação de uma mentalidade mais otimista, mais agressivamente construtiva, menos ciumenta para reconhecer, respeitar e apoiar nosso crescente acervo literário e cultural. Cabe-nos ser realistas e justos nem supervalorizando nem subestimando nossas capacidades ou nossas efetivas realizações.

Blumenau, após lançar recentemente pela sua editora Acadêmica duas antologias: "Contos da FURB" e "Outros Catarinenses Escrevem Assim", reuniu seus escritores e propôs, em coedição com a Lunardelli, este "Contistas de Blumenau". A feliz idéia partiu do Diretor Executivo da Fundação Casa Dr. Blumenau, o jornalista e escritor José Gonçalves. A iniciativa é realmente digna de uma casa de cultura como é a Casa Dr. Blumenau. O volume abre com uma nota de esclarecimento de Carlos Braga Mueller e encerra com um posfá-

cio de Vilson do Nascimento, que evidencia sua preocupação e seu conhecimento sobre nossa realidade literária, esclarecendo também que todos os participantes desse volume são “escritores de domingos, feriados e dias santos”, mas nem por isso menores que os ditos “profissionais”.

São onze os contistas integrantes do volume, entre os quais há escritores de nome e obra já conhecidos outros em franca projeção e alguns que constituem nomes novos. É curioso constatar que, provavelmente sem conhecimento ou prévia deliberação a maior parte dos contos aborda uma temática trágica, pois sete dos onze contos envolvem a morte do seu protagonista. Outro elemento quase constante é a expressão emotiva, o envolvimento do relato em vivo sentimento.

Enéas Athanázio, encabeça o elenco, transcrevendo um conto dentro da sua linha genuinamente regionalista. “Nhá Balbina e o Santo” logra captar muito bem a psicologia rígida e tradicionalista de uma senhora simples do nosso interior, zeladora de uma capela e fiel à estátua do seu santo, não permitindo que esta, mesmo velha e defeituosa, fosse desprezada. Nhá Balbina é o retrato literário bem traçado de inúmeras figuras reais.

Já Herculano Domicio envolve seu conto “Retalho” em elementos surreais e fantásticos, num tom alegórico de múltiplas conotações, inclusive de implicações psicanalísticas.

“O Guri da Ferrovia”, de Otto Jaime Ferreira, reconstitui muito bem a perspectiva da infância: a realidade de outros tempos, a fascinação pela estrada de ferro, a aventura do desconhecido, a sede de conhecer e experimentar a realidade da vida.

Outro conto que se coloca adequadamente ao nível da criança é a longa e comovente história do menino “Acaci e o Zepellin” de José Gonçalves. O sonho ansioso, o entusiasmo e a esperança, destruídos pelo trágico desfecho, evidenciam a habilidade do autor em manejar sua matéria literária. Forte emotividade caracteriza toda a literatura do autor, ao buscar inspiração em casos populares, escritos, para o sentimento puro e sem sofisticação do povo.

Também Urda A. Klueger deixa transparecer vivo sentimento no seu conto “Toda rua tem um nome”. Escrita com fina sensibilidade feminina, essa história e sonho do soldado Moacir Pinheiro, tragicamente desaparecido na enchente de 1961, deixa interferir e extravasar-se a emotividade poética da autora: “Oh! Rio, riozinho manso com as margens cheias de pés de amora, refúgio de jundiás e de piavas prateadas, aguinha rasa que se podia atravessar a vau, lugar para se pegar cascudos na boca da noite, por que tiveste que te enfure-

cer tanto assim para carregar embora a vida daquele garoto que tinha ainda tantos sonhos para sonhar e para realizar?”.

Edith Kormann, sempre concisa, também desenvolve seu conto “O Peru de Natal” dentro dum clima de trágica opressão, ao reconstituir a hora e a vez de Joãozinho vencer a competição de tiro ao alvo e ser vencido pela morte.

Carlos Braga Mueller logra montar bem sua tragi-grotesca história do triângulo amoroso Herbert-Magrit-Joseph.

Conto repleto de situações macabras “Na Morte, um Sorriso” retoma lances de excentricidades românticas.

“Carrossel”, de Vilson do Nascimento, reafirma seu conto fantástico, em que predomina a surrealidade liberta da lógica. Nessa cena com crianças assexuadas, que formam com um homem uma ciranda ou um carrossel mágico, o autor cria um quadro de expressiva visualidade.

José Roberto Rodrigues, poeta e contista de atividade constante, narra em “A/MAR/GURA de Alex” o drama de Alex, que vê sua esposa morta e que se perde na solidão, até deixar-se tragar pelo mar. Além do sugestivo grafismo visual do título, é ressaltar nesse conto a chocante frieza do desfecho: um cão olhando o mar que acaba de afogar Alex.

“A Mãe da Rua”, de Roberto Diniz Saut, a par das conotações que encerra o caso da mulher maltrapilha de rua, implica ainda um caso de coincidência: o telefonema para seu filho e a compra, por parte deste do banco que não reconheceu a mulher.

E Rogério Neri de Souza, levantando um clima de suspense, cria em “6ª feira será um dia comum?” um conto conciso mais de conotações diversas, unindo a rotina do cotidiano ao mítico-religioso.

São esses os “Contistas de Blumenau”. E outros há que poderão integrar futuras edições. Se por um lado não apoiamos facciosidades ou ilhamentos, por outro, não vemos tal característica nesse volume. E toda contribuição que vem favorecer a divulgação de nossos autores deve merecer nosso apoio. Aguardamos frutificação maior dessa iniciativa.

## GUSTAVO KRIEGER

### “UM HOMEM QUE AJUDOU A ESCREVER, COM SUA VIDA, A HISTÓRIA DE SUA CIDADE”

Há poucos meses recebemos da neta de Gustavo Krieger, sra. Maria do Carmo Krieger Goulart, um exemplar do livro que no título tem o nome de seu avô — Gustavo Krieger. Obra biográfica e de valor histórico incontestável, toda ela será publicada, em capítulos, nas edições seguintes de “Blumenau em Cadernos”. A própria carta que encaminhou a obra, vai, aqui, publicada na íntegra, pois tudo é valioso neste trabalho admirável da neta do saudoso cidadão brusquense que deixou seu nome intimamente ligado a alguns dos acontecimentos sociais, intelectuais, políticos e humanitários mais importantes da época em que viveu. Eis a carta de dona Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart:

“Ibirama, 9 de julho de 1979.

Senhor Diretor:

Ao contribuir para a elaboração da edição de centenário de nascimento de Gustavo Krieger — meu avô, tinha em mente escrever para Blumenau em Cadernos um artigo que resumisse o que Gustavo fez de importante em Brusque, para sair publicado nesta conceituada revista. O tempo passou e com outros afazeres só agora me foi possível isto. Como personagem ilustre e homem que deu parcela de sua vida à cidade, com sua música (tocava flauta, clarinete, concertina), seu trabalho (era alfaiate e como tal fundou a Alfaiataria Elegante, hoje Irmãos Krieger), sua política (apesar de discreta, participou no governo do Marechal Floriano da luta dos Pica-Paus e Maragatos, tendo chegado a Sargento da Guarda Nacional), Gustavo foi o exemplo de uma época que deixou raízes nos seus filhos e nos filhos de seus filhos, os quais hoje têm pelo quê lembrar-se dele .

Como a coleta de dados foi feita em fins de 1977, a prole de Gustavo já aumentou e devidamente acrescentado dos dados sobre os novos nascimentos, envio-lhe uma edição para, excluindo-se os endereços, serem aproveitadas as páginas números 10 a 25 — Descendentes de Gustavo Krieger, como Genealogia, que Blumenau em Cadernos publica em suas edições.

Gostaria imensamente se desse para ser aproveitada tal contribuição minha. Sou formada em Geografia pela UFSC e como ex-professora (afastei-me do magistério para dedicar-me aos filhos), dedicava-me à pesquisa sobre as matérias que os alunos teriam em aula, pois nunca fui muito de adotar os livros impressos para tal, já que às vezes não se adequavam às situações nossas regionais. Penso mesmo em voltar a rever meus “escritos” para, no futuro, poder aprofundar-me à pesquisa de Geografia Humana e Urbana de que tanto gosto.

No momento é só. Esperando ser atendida, subscrevo-me,

Atenciosamente,

Maria do Carmo”.

Na abertura do livro, esta crônica do Pe. Murilo, seu neto:

### “NÃO É PROIBIDO SONHAR!

Era uma manhã de março de 1977. Interrompidos pelos pedidos constantes do Serginho e pela preocupação causada pelo silêncio ativo de Luiz Henrique, Maria do Carmo e eu sonhávamos. A claridade daquela manhã de Curitiba, longe de nos acordar para a realidade, parece que contribuía para voarmos mais alto e mais longe. Afinal, são poucos os netos que têm o privilégio de comemorar o centenário de nascimento de seu avô — que a Carmo nem chegou a conhecer e que eu aprendi a chamar de “ôpapa”. O papel era insuficiente para guardar todos os planos que tínhamos, nem nossas mãos eram suficientemente ágeis para transcrever as idéias que se multiplicavam.

Promoveríamos uma grande concentração de todos os descendentes do ôpapa. Haveria alguém (Tio Raynério?, Magali?) que faria as devidas apresentações, porque tem gente que não sabe quem é quem na família KRIEGER. As tias seriam encarregadas de garantir doces e bolos que ninguém consegue imitar. E, no final, distribuídos os instrumentos musicais, teríamos um daqueles shows de música (saraus, diriam nossos tios) que deixaram alegres lembranças. Antes ou depois dessa concentração haveria uma celebração religiosa. Para organizá-la não seria preciso pedir ajuda de ninguém: deveria procurar o Gustavo para preparar com ele aquela que seria uma comvente celebração ecumênica. Rezariamos não só pelo ôpapa Gustavo, mas também por aqueles que deixaram um rastro de saudades: tio Aldinho, tio Axel. . .

Moedas seriam cunhadas com a efígie do ôpapa. Haveria uma grande exposição com documentos, objetos-reliquia da família, trabalhos feitos pelos descendentes — um espetáculo! Não faltaria a inau-

guração de uma Rua com o nome de Gustavo Krieger, que ele merece... Tínhamos os que seriam encarregados deste projeto: tio Nilo e papai. Um jornal, com dados e fotos do ôpapa, e com artigos já publicados, seria impresso. Teria também o endereço de todos os descendentes, que não é fácil saber pra quem mandar os convites de casamento: sempre se corre o risco de se esquecer alguém ou de não se saber onde estão morando primos e sobrinhos. Afinal a família Krieger cresceu e se espalhou. Se espalhou: aí está um problema que não tínhamos levado muito a sério. Na hora de começarmos a concretizar nossas idéias é que nos acordamos. Para alguns havia o problema de distância: como ir a Brusque dia 26 de janeiro, dia do Natal ou na data em que fosse marcado o encontro? Seriam necessários vários ônibus, para levar todo mundo. Outros não tinham tempo disponível para ajudar na execução de qualquer dos projetos. Mais: alguns alegavam que não poderiam assumir a coordenação de qualquer trabalho, mas que poderiam dar idéias (e idéias é que não faltavam). Enfim, a verdade: a família cresceu muito, cada filho do ôpapa é, por sua vez, avô ou avó, grande parte da nova geração se espalhou por este Brasil e ninguém ganhou a Loteria Esportiva sozinho. Se isso tivesse acontecido o ôpapa teria uma festa tal que ninguém conseguiria ver defeito algum.

Mas foi bom ter sonhado alto: A Rua Gustavo Krieger foi aprovada, por obra e graça dos Vereadores e do Prefeito de Brusque, e pela perseverança de dois de seus filhos (Nilo e Oscar). O nome do ôpapa foi muito lembrado por todos, seu centenário foi recordado com carinho no interior de muitos lares e o jornal (transformado em boletim) está aqui, apesar de suas limitações. Há nele muitas lacunas, muito material que poderia aparecer, muitas notas que enriqueceriam seu conteúdo, receitas de doces da ômama, depoimentos de pessoas que conheceram Gustavo Krieger, etc. Mas como aproveitar isso se tal material não foi entregue? Então, entre não fazer nada ou tentar fazer ao menos alguma coisa, embora modesta, se optou pela segunda hipótese. Resta a esperança que, estimulado por este exemplo, alguém faça outro trabalho: melhor, mais completo, mais documentado...

Fica para mim a alegria de ter-me debruçado um pouco mais sobre aquela figura tão calma que me fascinou na infância. Que partiu muito rápido, muito cedo (isto, falando como neto), mas do qual ficou uma tranquila saudade-alegre, cheia de paz, rica de amor.

Taubaté, 26 de janeiro de 1978.

Pe. Murilo"

(Continua no próximo número)

## A participação do Clube Filatélico de Blumenau nas solenidades festivas do centenário de emancipação política do município

Íntegra do discurso pronunciado pelo Prof. Ewaldo Trieweller por ocasião da inauguração da exposição especial em regosijo pelo acontecimento, em 4.2.80

“Exm<sup>o</sup>. Sr. Prefeito Municipal de Blumenau  
Exm<sup>o</sup>. Sr. Presidente da Câmara de Vereadores  
Exm<sup>o</sup>. Sr. Representante do sr. Governador do Estado  
Exmas. Autoridades, Senhoras e Senhores

É sempre agradável numa solenidade cívica, referente a esta cidade, rememorar os grandes feitos, os grandes sacrifícios e o grande interesse demonstrado pelos nossos maiores, para verem crescer esta terra que adotaram como sua segunda pátria e para cujo progresso tanto contribuíram.

Ano após ano a Colônia estava a progredir em todas as zonas de trabalho, fossem embora no campo industrial, agrícola ou da pecuária. Por este motivo o Governo da Província se via colocado diante da obrigação de emancipá-las e torná-la autônoma, para que, por esse modo, ele pudesse livrar-se das grandes subvenções que o empreendimento estava continuamente a exigir.

Ao governo, o Dr. Blumenau lembrava sempre a necessidade premente dessa emancipação, sem perder a oportunidade de explicitar os motivos que medidas dessa ordem requeriam.

Em seus informes referia-se continuamente a esse assunto: — Muitos motivos e circunstâncias deixam por isso mesmo transparecer a finalidade de tornar autônomos os antigos distritos e ao mesmo tempo elevá-los à categoria de Município. Sem essa providência a emancipação teria catastrófais danos como consequência”.

Em outra ocasião assim se expressou: — “É sobremaneira urgente e oportuno transformar esta Colônia em Município e em consequência emancipar os antigos distritos, como já frisei em anteriores relatórios. Querendo, porém, antecipar a mencionada emancipação, sem ter primeiro instituído e empossado as respectivas autoridades, como sejam — Câmara Municipal e organização judicial, trabalhando de acordo, seria o mesmo que entregar a Colônia à danosa anarquia e dar por perdidos e aniquilados a maior parte dos êxitos conseguidos desde a fundação.

Finalmente em 1880, após instantes pedidos o Governo da Província cedeu e promulgou a lei nº 860 de 4 de fevereiro de 1880, pela

qual separava as freguesias de Blumenau de Gaspar do Município de Itajaí e criava o Município novo com sede em Blumenau. Nesta ocasião a freguesia foi elevada a categoria de vila.

Pela mesma lei foram criados os indispensáveis cargos públicos para serem postos em prática serviços judiciários, policiais e fiscais.

Ao mesmo tempo o Governo Imperial ordenava pelo decreto n° 7.693 a emancipação da Colônia, tratando-se da região da margem direta do Itajaí da sede do Município até Neisse.

Convém lembrar aqui, que somente em 1883 foi possível a instalação do Município, pois que a região fora assolada em setembro de 1880 por uma catastrófica enchente, que, no dizer de Aiga Barreto, chegou a alcançar o nível de quatorze metros e sessenta centímetros.

O retrocesso provocado por essa calamidade foi tão forte que a instalação de novo Município teve de ser retardada e só pôde ser levado a efeito em 1883, sendo seu primeiro superintendente (prefeito) José Henrique Flores Filho — 1883 — 1887. Seria este um pequeno relato da instituição do Município de Blumenau.

Acompanhando o desenvolvimento desta comuna, vemos que, mesmo as catatróficas enchentes, que, de quando em quando visitam o vale, não impediram o seu crescimento, sem tão pouco conseguiram esmerecer o ânimo do povo votado ao progresso que se embrechara neste rincão o qual adivinhavam promissor.

Tem-se a impressão, ao estudar a história deste povo que aqui se fixou, que, quanto mais contrariedades, mais se arraigavam à terra que lhes era uma segunda patria, mais encorajamento nascia para o desenvolvimento do trabalho próprio. Por outro lado devam à natureza, obrigando-a, na medida do possível, a conservar-se nos seus justos limites.

E nesta data centenária, que saudosamente rememoramos, contemplamos em rápido retrospecto, o quanto foi feito naqueles longínquos dias, repletos de peripécias e sacrifícios, sem estradas, sem meios de comunicação. Dificuldades sem conta foram vencidas e dia por dia, ao longo destes cem anos, os filhos, os moradores que aqui se vieram fixar, continuaram a obra encetada que hoje se agigante aos nossos olhos estupefactos, causando admiração aos que nos visitam.

E diante dessa obra colossal, rendemos homenagem àqueles que tanto lutaram para dar aos pósteres um lugar ao sol.

E para comemorar tão grato evento o Clube Filatélico de Blumenau houve por bem apresentar uma excepcional coleção temática de borboletas, em homenagem àqueles abnegados que se dedicaram a tão nobre quanto glorioso afã”.

# João Vieira

Nascido em Tijucas aos 15 de Setembro de 1917, João Vieira transferiu-se para Blumenau com a idade de 17 anos, ingressando no quadro de funcionários da Estrada de Ferro Santa Catarina.

No dia 1º de março corrente, aos 63 anos incompletos, o popular Mano Jango, como era mais conhecido nos meios jornalísticos do Estado, faleceu depois de prolongada enfermidade. Seu desaparecimento abriu uma lacuna que dificilmente poderá ser preenchida nos mesmos moldes em que João Vieira desempenhava a sua admirável atividade criadora, valendo-se de uma característica toda pessoal de cronista, o que tornava seus escritos matéria obrigatória na leitura de todos os que chegavam às páginas dos jornais para os quais ele colaborou.

Desde os primeiros anos em que fixou-se em Blumenau, João Vieira entrou para o jornalismo. Suas especialidades que foram sendo aprimoradas ao correr dos anos, fixavam-se na crônica intitulada "Espiondo a Maré", na qual enfocava aspectos gerais da comunidade, inclusive assuntos desportivos, assim como fazia extravasar sua maravilhosa criatividade de repentista numa outra secção que intitulava "Bolsas Quadradas".

Nos serões de bate-papos com amigos ou em encontros festivos era comum João Vieira ser solicitado a pronunciar saudações ao anfitrião ou anfitriões em forma de trovas. E o fazia com espírito e inteligência admirável, conquistando a admiração e o respeito de todos os que com ele contataram durante os anos em que viveu em Blumenau.

Na crônica "Espiondo a Maré", João Vieira criou diversos personagens denominando-os de Indulgência Plenária, descobrino, Fócrates, o Tijuquino, Epaminondas, o austero e Fócrinho o menino metediço. Em março de 1958, contratado pelos Diários Associados, passou a escrever suas crônicas para o jornal "A Nação", a cujo órgão da nossa imprensa deu sua colaboração durante cerca de dezesseis anos.

João Vieira deixou exemplos notáveis para as gerações que se sucedem no campo do jornalismo. E deixa saudades entre seus amigos e leitores. Foi muito feliz o cronista do título "Opinião", do JSC, edição de 4 de março último, diz que "Mano Jango deixa uma grande lição aos novos: não basta somente elaborar o texto e passá-lo às mãos do chefe de reportagem; É preciso, mais que tudo, amar o que se faz, sujar as mãos com a tinta de impressão, conviver no dia-a-dia do jornal, da cidade, e ser humilde. Como ele sempre foi".

No registro do triste desaparecimento do saudoso Mano Jango, "Blumenau em Cadernos" apresenta á viúva dona Doroti, aos filhos João Sérgio, Maria Doroti e Anísia Isabel e demais parentes e amigos, a manifestação do grande pesar.

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

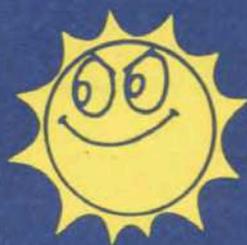
Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *João Carlos von Hohendorf - advogado*; vice-presidente — *Rolf Ehlke - Industrial*.

Membros: *Elimar Baumgarten, advogado; Honorato Tomelim, jornalista; Ingo Fischer, advogado, secretário da Educação e Cultura do município; Altair Carlos Pimpão, jornalista; professor Antônio Boing Neto; Arno Letzow, comerciante; Beno Frederico Weiers, advogado; Heinz Hartmann, repres. comercial; Prof. Olívo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

# A CADA ESTAÇÃO, UM NOVO SUCESSO.



As malhas Hering, leves e macias, dão liberdade de movimentos no verão.

Afastam o tédio e a tristeza nos dias outonais.

De puro algodão com fio penteado, aquecem carinhosamente no inverno.

Como a primavera, são coloridas e alegres.

Passa o ano todo com MALHAS HERING.

Scriba

 malhas  
**Hering**